

CONSTRUÇÃO DA FÉ

Raimundo Martins Ferreira*

[...] é preciso que o homem se entregue a repetidas, sérias e elevadas meditações, para firmar-se mais na fé, até torná-la inquebrantável: fé em Deus, que alimenta a esperança do destino glorioso do Espírito, como recompensa aos grandes méritos conquistados; fé no progresso e redenção de todas as almas; fé na vitória definitiva da Verdade e do Bem; fé nos Diretores espirituais; e fé também nos outros homens que, animados todos da chispa divina e necessariamente evoluindo no caminho que às alturas espirituais e divinas conduz, hão de chegar a seu tempo, indefectivelmente, a essas alturas (AGUAROD, 2010, p. 343-344).

Estou no mundo. Há muitos desafios para serem enfrentados e vencidos. Para enfrentá-los preciso saber que instrumento utilizar e para vencê-los preciso conhecê-los de maneira a atingir a sua essência. Acontece que as minhas referências só me ajudam a dar os primeiros passos, precisando de outras referências para continuar a caminhada.

Vejo que há pessoas em famílias, em pequenos grupos, em organizações complexas. Observo que elas se relacionam entre si, adotando como critério principal, a força. A força física, a força do papel que exercem, a força da habilidade de falar. Para atingir um ponto mais distante e mais nobre, procuro orientações que me possam ajudar. Essas orientações, todavia, não me satisfazem, uma vez que são um tanto inocentes para enfrentar algo mais profundo. O que fazer?

Examino outras orientações que parecem adequadas para atingir o meu objetivo. As apresentações, os discursos, me dão confiança, mas quando colocadas em prática, não vão muito longe; não respondem as principais questões para as quais preciso de esclarecimentos. Continuo a minha busca e encontro as orientações que o Mestre me oferece. São orientações que englobam o discurso e a prática. Foram testadas pelo Mestre e, agora, colocadas à minha disposição.

Início uma nova fase da minha caminhada, com mais segurança. Todas as orientações são examinadas e observadas na vida diária. Começo a aprender a lidar com as diferentes pessoas nos seus diferentes níveis de desenvolvimento. Vejo que muitas pessoas estão no mesmo caminho que escolhi. Mas, observo, também, que a fé no Mestre ou em Deus ainda não atingiu uma fase segura, daí, se distanciarem dos mesmos quando não têm a solução que desejam para as suas dificuldades mais exigentes. Ainda, como eu mesmo, estão no processo de construção da verdadeira fé.

Entendo que o processo de construção da fé verdadeira me aproxima cada vez mais do Mestre e de Deus. Esse processo me faz progredir como ser humano, fazendo-me mais alegre, mais sereno, mais feliz. Tudo isso é muito importante para mim e para todo aquele que decide fazer esse caminho que leva a Deus. Entretanto, mesmo decidindo por esse caminho, muitos experimentam uma variação no processo, no qual ora se avança ora se estaciona devido ao fortalecimento ou à interrupção da fé. Isso, todavia, é compreensível devido à necessidade de se experimentar acertos e erros no processo de desenvolvimento espiritual.

* Trabalhador da Fundação Allan Kardec, Manaus-Am.

Para concluir a sua manifestação, o personagem anônimo indaga: como construir a fé verdadeira que leva o homem a dizer, como falou o Mestre, “[...] Em verdade, em verdade, eu vos digo, o Filho não pode fazer nada de si mesmo, mas somente o que vê o Pai fazer; pois o que o Pai faz, o Filho o faz igualmente.” (Jo 5,19)?

Neste trabalho, será apresentado um conceito de fé que servirá de referência para analisar os exemplos, escolhidos, de personagens considerados homens de fé e auxiliará a identificar diferentes fases de construção da fé no ser humano. O objetivo do trabalho é responder a seguinte questão: Como o homem constrói a fé verdadeira?

CONCEITO DE FÉ

Na construção do conceito de fé, serão utilizadas contribuições do autor Paul Johannes Oskar Tillich e dos ensinamentos da Doutrina Espírita. Tillich (2009) na sua definição de fé destaca o conceito de *man's ultimate concern* (preocupação final do homem) e inclui elementos como o envolvimento da personalidade como um todo, a liberdade e a participação. Assim, o homem quando tem fé em Deus, a sua preocupação final ou o que há de mais importante em sua vida, se envolve inteiramente e de maneira livre para determinar e sentir o significado do seu objeto de fé. Desta maneira, não tem somente o seu aspecto objetivo, representado por símbolos, como a palavra Deus representando o ser Deus, mas, também, o seu aspecto subjetivo, onde o homem participa e vive o ser, objeto de sua fé. Participa porque compreende o seu objeto de fé e vive porque experiencia, sente, a presença do ser.

Na busca pela compreensão do objeto de fé, Deus, o homem exercita o seu poder intelectual e moral. Questiona e questiona-se sobre o que é Deus, analisa todas as explicações que lhe são apresentadas e verifica o impacto que os conhecimentos obtidos têm sobre si mesmo. Trabalha intensamente para entender e sentir a presença de Deus em todas as suas ações, até não ter mais dúvidas sobre o que é Deus. Essa busca, entretanto, não atinge o ponto final, o qual representa a não mais ser necessário a procura de Deus. À proporção que o homem se aproxima da divindade, se alegra em ver a beleza da revelação de Deus e, essa compreensão, esse sentimento, se constitui em uma fase da aquisição da fé robusta, da fé que não mais admite dúvidas da existência do ser maior. As ações do homem de fé, na sua simplicidade ou complexidade, atendem, primeiramente, a sua ligação com Deus, para depois realizar o que o mundo lhe exige. O estudo crítico das obras básicas do Espiritismo, notadamente nos aspectos relacionados à ligação com a vida diária, auxilia o homem a desenvolver a verdadeira fé em Deus.

Assim, neste trabalho, a fé é entendida como um estado de ser, onde o homem atingiu a certeza da existência de Deus, do seu infinito amor e sabedoria.

EXEMPLOS DE HOMENS DE FÉ: ABRAÃO E SANTO AGOSTINHO

O critério para a escolha dos personagens que irão ilustrar exemplos de fé, no sentido objetivo e subjetivo, é a sua importância histórica para o povo que o escolheu, como é o caso de Abraão, ou por se tratar da principal figura

da filosofia que serve de base para uma religião constituída. Neste caso, a figura de destaque é a de Santo Agostinho.

ABRAÃO

Abraão é o patriarca do povo judeu, seguido imediatamente por Isaac e Jacó. (MONLOUBOU, 1996, p. 602). Destaca-se pela sua ligação com Deus, do qual recebe missões e promessas, esta em forma de recompensa.

Nessa passagem, a fé de Abraão parece se revelar, uma vez que obedeceu ao Senhor (Deus), sem apresentar qualquer obstáculo. Entretanto, a fé do patriarca surge de maneira transparente quando, em visão, se encontra com Deus. “[...] Ele o conduziu para fora e lhe disse: ‘Contemplai o céu e conta as estrelas, se conseguires contá-las’. Depois lhe disse: ‘Tal será a tua descendência’. Abraão teve fé no Senhor, e por isso o Senhor o considerou justo”. (Gn 15; 5,6). Nas observações feitas, acima, referentes à fé e justiça, fé, além de ser um ato de confiança, “exprime também a verdade, a fidelidade, a firmeza”; justiça, por sua vez, “não é antes de tudo uma virtude moral; ela implica uma concordância com a vontade de Deus”. (Gn 15,6 nota)

As palavras de Deus, anunciando a sua aliança com Abraão, onde o elemento circuncisão é parte importante, confirma as qualidades morais do patriarca, uma vez que cumpriu com o que foi estabelecido.

Ele tinha noventa e nove anos quando o Senhor lhe apareceu e lhe disse: ‘Eu sou o Deus Poderoso. Anda na minha presença e sê íntegro. Quero fazer-te dom da minha aliança entre ti e mim, eu te farei proliferar ao extremo’. Abraão se prosternou, face em terra; Deus falou com ele e disse: ‘Por mim, eis a minha aliança contigo: tu te tornarás o pai de uma multidão de nações. Não te chamarão mais com o nome de Abrão, senão que teu nome será Abraão, pois te concederei tornar-te o pai de uma multidão de nações e te tornarei fecundo ao extremo: farei com que dês nascimento a nações, e de ti sairão reis. Estabelecerei minha aliança entre mim e ti e, depois de ti, as gerações que descenderão de ti; esta aliança perene fará de mim teu Deus e o da tua descendência depois de ti. Darei em propriedade perene a ti e a tua descendência depois de ti a terra das tuas migrações, toda a terra de Canaã. Eu serei Deus para eles’. Deus disse a Abraão: ‘Quanto a ti, guardarás a minha aliança, e depois de ti, as gerações que descenderão de ti. Eis a minha aliança, que guardareis entre mim e vós, isto é, a tua descendência depois de ti: todos os vossos varões serão circuncidados [...] Quando Deus terminou de falar com Abraão, elevou-se para longe dele. Abraão tomou seu filho Ismael, todos os escravos nascidos na sua casa ou adquiridos a preço de dinheiro, todos os varões da sua casa; circuncidou a carne do prepúcio deles no mesmo dia em que Deus falou com ele. (Gn 17:1-23)

Assim, pelo que se pode ver nas duas passagens acima, Abraão demonstrou sua fé em Deus, fé esta que supera a importância das confianças da família e do seu povo. Apresenta a sua determinação em atender à solicitação divina, agindo com integridade no cumprimento de seus deveres e mantendo a esperança na realização das promessas feitas por Deus. A sua atitude foi de respeito e generosidade junto a outros povos e, perante Deus, demonstrou humildade, se colocando em posição de submissão.

O Abraão mencionado no Gênesis é um homem de fé que se coloca separado de Deus. Deus é seu objeto de fé, que lhe transmite confiança em tudo o que lhe comunica. Pelo fato de Abraão ser um homem dotado de simplicidade, humildade, generosidade e seriedade no que realiza, se tornou a pessoa escolhida para desenvolver um processo de desenvolvimento espiritual da humanidade. Nos relatos apresentados pelo Gênesis, não se pode garantir que Abraão tenha alcançado a fase que Jesus, muito tempo depois, mencionou “Crede-me, eu estou no Pai e o Pai está em mim; [...]” (Jo 14, 11). Mas, cumpriu o seu papel auxiliando o Pai no desenvolvimento espiritual de um povo.

SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho é um dos representantes do segundo período da Patrística, que se inicia no século III e se estende à metade do século IV. Patrística é a filosofia cristã dos primeiros oito séculos. A apreciação da fé em Agostinho é baseada na sua autobiografia intitulada *Confissões* (2002a).

Nas *Confissões*, Agostinho fala com Deus sobre as dificuldades para chegar até ao Divino. Estuda *Hortêncio* de Cícero, livro voltado para atender à vaidade, onde Cícero responde às perguntas feitas por Hortêncio, referentes à filosofia. Esta obra não satisfaz às expectativas de Agostinho, sobre a busca de Deus. Leu as Sagradas Escrituras, mas devido ao seu orgulho, espírito de superioridade, não conseguia ver as passagens que mais tarde lhe despertaram o coração para Deus. Assim, foi atraído pelos ensinamentos do Maniqueísmo, doutrina fundada por Mani, no III século da era cristã. O Maniqueísmo “admite dois princípios: um do bem, ou princípio da luz, e outro do mal, ou princípio das trevas. No homem, esses dois princípios são representados por duas almas: a corpórea, que é a do mal, e a luminosa, que é a do bem. Pode-se chegar ao predomínio da alma luminosa através de uma ascese particular, que consiste em três selos: abstenção de alimentar-se de carne e de manter conversas impuras; abstenção da propriedade e do trabalho; abster-se do casamento e do concubinato.” (ABBAGNANO, 2000, p. 641). Agostinho manteve contacto com os maniqueístas por nove anos, na esperança de que as suas dificuldades fossem resolvidas. Só encontrou charlatões e, quando muito, bispos como Fausto que, apesar de ser considerado erudito, pouco dominava as artes liberais. Os ensinamentos maniqueístas já não mais serviam a Agostinho. O seu próximo passo foi o estudo de livros platônicos. Nesse estudo, a apreciação da verdade incorpórea ajudou Agostinho a ter uma compreensão do que é Deus. Admitia, entretanto, que o conhecimento tem sua fonte no próprio homem, e o diálogo, o método que o auxilia a exteriorizá-lo. Isso se pode ver no seu livro *De Magistro* (2002b), onde o diálogo é desenvolvido entre o autor e Adeodato, seu filho.

ADEODATO

— Para mim ainda não está claro; ora, se falar nada mais é que emitir palavras, também as emitimos ao cantar; às vezes falamos sozinhos, sem um interlocutor que possa aprender; em tais casos, não creio que pretendamos ensinar algo.

AGOSTINHO

— Creio, contudo, que há certa maneira de ensinar pela recordação, processo certamente valioso, como teremos ocasião de ver em nossa

conversação. Ora, se opinas que ao recordarmos não aprendemos, ou que nada ensina aquele que recorda, eu não me oponho; e desde já afirmo que é dupla a finalidade da palavra: para ensinar ou para despertar reminiscências nos outros ou em nós mesmos; e isto ocorre também quando cantamos, concordas? (p. 353-354).

Nesse mesmo diálogo, Agostinho coloca a sua compreensão de Deus mencionada, no início de suas *Confissões*: “Eu nada seria, meu Deus, nada seria em absoluto se não estivesses em mim; talvez fosse melhor dizer que eu não existiria de modo algum se não estivesse em ti, de quem, por quem e em quem existem todas as coisas? Assim é, Senhor, assim é” (p. 30). No diálogo, a compreensão de Deus é apresentada desta maneira.

ADEODATO

— Poderia concordar se não me levasse a opinar diversamente o fato de que, ao orarmos, nós sem dúvida falamos, e, certamente, não é lícito crer que ensinamos ou recordamos algo a Deus.

AGOSTINHO

— Suspeito que não saiba que, se nos foi dito para orarmos em lugares fechados, significando com isso o espaço secreto da alma, o foi porque Deus não quer ser lembrado de algo ou ensinado por nossas palavras, para atender a nossos desejos. Quem fala, pois, manifesta exteriormente sua vontade articulando o som: mas nós devemos procurar Deus e suplicar-lhe no mais profundo recesso da alma racional, a que se chama o homem interior; quis Ele que fosse este o seu templo. Não leste no Apóstolo: ‘Não sabeis que sois o templo de Deus e que o espírito de Deus habita em vós’, e que ‘Cristo habita no homem interior?’ (p.354)

As duas últimas citações representam, também, exemplos da principal fonte de estudo que Agostinho utilizou na busca e na construção da fé em Deus: O Antigo e Novo Testamentos, notadamente nos Salmos, e nas epístolas do apóstolo Paulo. Agostinho destaca o grande benefício que os Salmos de David lhe trouxeram; a emoção que experimentava quando os recitava.

Que invocação elevei a ti, meu Deus, lendo os Salmos de David, cânticos de fé, hinos de piedade, que expulsavam de mim todo sentimento de orgulho! Eu era ainda inexperiente de teu verdadeiro amor, e dividia minhas horas de lazer com Alípio, catecúmeno como eu. Minha mãe estava conosco. Ao aspecto de mulher ela aliava fé varonil, a calma da velhice, a ternura de mãe e a piedade de cristã. Que exclamações elevei a ti naqueles salmos, e como me inflamava com eles em teu amor! Incendiava-me em desejos de recitá-los, se fosse possível, ao mundo inteiro, para rebater a soberba do gênero humano! Com efeito, em todo o mundo se cantam. Não há ninguém que se subtraia a teu calor.” (p.192)

Quando Agostinho analisa a participação de Deus nas nossas ações, destaca passagens de Paulo, com uma contribuição de Lucas.

“Quanto a nós, diz ainda Paulo, não recebemos o espírito deste mundo, mas o Espírito de Deus, para que conheçamos os dons que nos vêm de Deus. E isto me fez perguntar: Posto que certamente

ninguém sabe das coisas de Deus, com exceção do Espírito de Deus, como então nós conhecemos os dons que nos vêm de Deus? Eis a resposta que recebi: As coisas que sabemos por seu Espírito, ninguém as sabe a não ser o Espírito de Deus. É, pois justo que foi dito aos que falavam inspirados pelo Espírito de Deus: ‘Não sois vós o que falais’ – e aos que obtêm seu saber do Espírito de Deus: ‘Não sois vós os que sabeis.’ – E com igual razão se diz aos que veem através do Espírito de Deus: ‘Não sois vós os que veem.’ Assim, em tudo o que vemos de bom pelo Espírito de Deus, não somos nós que vemos, mas Deus.” (p.344-345).

O processo da construção da fé em Deus, em Agostinho, foi longo. Ainda adolescente, até a sua adesão ao catolicismo, Agostinho foi auxiliado pelos conselhos e prece de sua mãe Mônica. A dedicação de Mônica para tirar o seu filho das trevas foi persistente e acompanhada de muitas lágrimas. Nas palavras do autor: “É que tuas mãos, meu Deus, no segredo de tua providência, não abandonavam minha alma; e minha mãe, dia e noite, não deixava de te oferecer em sacrifício por mim o sangue de seu coração, na forma de suas lágrimas.” (p.107). O bispo Ambrósio também contribuiu para que Agostinho se aproximasse do Cristianismo. Com a sua amabilidade e seus sermões, cheios de simplicidade na apresentação da doutrina do Cristo, conquistou o futuro cristão. Ambrósio foi o anjo que a mãe de Agostinho encontrou e que a ajudou a mostrar o caminho de libertação das trevas a seu filho.

Ao longo de todo esse processo de estudos, de contatos e muita meditação sobre as verdades divinas, Agostinho encontra Deus que se revela como ser eterno e criador de tudo o que existe. A fé de Agostinho, no ser superior, se caracteriza pela vivência desse ser em sua vida. Não é um ser afastado, mas que é parte da pessoa, que vive na pessoa.

A DOCTRINA ESPÍRITA E A CONSTRUÇÃO DA FÉ

A existência de Deus é intuitiva no ser humano. Deus está presente no homem, independentemente do seu nível de desenvolvimento espiritual. Entretanto, como explicar a posição daqueles que afirmam não acreditar em Deus? Que Deus é uma criação das religiões organizadas? Esses, muitas vezes, têm encontrado nos que pregam a existência de um Deus supremo, incoerência entre o que afirmam e o que praticam; ou mesmo, pelo seu orgulho não admitirem a existência de um ser que possa superá-los. Estes se encontram, principalmente, entre as pessoas de grande conhecimento intelectual, e entendem que, o que verdadeiramente existe se pode encontrar no mundo material. Entretanto, mesmo nessas pessoas, a sua negação da existência de um ser superior não tira a sua inclinação para a perfeição, para “avançar para Deus.” (KARDEC, 2006, Q.175-a).

O Espiritismo auxilia o homem na construção da fé em Deus, predominantemente, através de suas instituições espíritas. Essas instituições recebem diferentes pessoas, quer devido às suas dificuldades espirituais, quer pelo desejo de encontrar explicações para questões relacionadas aos destinos de sua vida, neste mundo de provas e expiações.

Quando o ser humano, por liberdade própria, decide seguir a Doutrina Espírita para encontrar explicações sobre questões básicas e fundamentais de sua vida, inicia um processo de estudo crítico e de vivência dos seus ensinamentos. Entende que todas as pessoas são dotadas de liberdade para

pensar, agir, decidir e, que, devido a isso, são os responsáveis por suas próprias obras. Entende, portanto, que o conceito de dependência não deve se aplicar ao homem. O homem não deve ter, portanto, a sua vontade subjugada pelo interesse de outro homem.

A liberdade, a independência, faz com que o homem se desenvolva espiritualmente. Mas, essa mesma condição pode gerar equívocos se não for usada adequadamente. Um desses equívocos é a presunção. O homem, nesse caso, entende que as suas conquistas intelectuais, por exemplo, são produtos unicamente de seus esforços, de sua determinação. Ignora, por outro lado, que ter consciência de sua liberdade não significa necessariamente que atingiu um nível moral elevado. A liberdade é um instrumento necessário para alcançar tal nível, desde que desenvolva o bem, as virtudes, que se encontra em estado de potência no ser humano.

O estudo e a prática, que leva o ser humano à construção da fé em Deus, precisam de frequentes reflexões. Não aceita a existência de Deus e seus atributos, baseada na autoridade de alguém. Analisa o que lhe é dito, até que não mais tenha dúvida alguma. O seu compromisso é com a verdade e não admite intervenção de tudo o que lhe indique um caminho diferente. Assim, se o que lhe é apresentado não parece verídico, continua a sua busca por fatos e explicações mais próximos do que considera real. Não deve se impacientar, pois o seu progresso espiritual é um processo de construção constante.

No processo de construção da fé em Deus, o homem observa que a compreensão de certos atributos da divindade lhe indica a necessidade da prática de certas ações. Como por exemplo, nos relacionamentos com seus irmãos, o homem não deve ignorar a importância de observar os princípios divinos de justiça e misericórdia. Quando, por outro lado, se reconhece temporariamente incapaz de entender determinadas situações por que passa, se coloca na posição de humildade perante Deus, que é a suprema inteligência e de onde se obtém a explicação correta do que se precisa. No momento de dificuldades de amar os seus semelhantes, ao ponto de duvidar dessa possibilidade, encontra em Deus o amor infinito que a todos ama indistintamente. Assim, à proporção que o homem desenvolve a sua compreensão de Deus, mais se aproxima da divindade, mais se assemelha a Deus.

Com o entendimento de que tudo vêm de Deus e só se realiza com a sua permissão, agradece pelas vicissitudes da vida, pois são ajudas divinas para o seu desenvolvimento intelectual e moral. Encontra na “espada simbólica do conhecimento” (XAVIER, 2005, cap. 104), oferecido pelo Cristo à humanidade, o caminho onde encontra a explicação do *porque* e do *para que* de cada situação experimentada.

No estudo dos ensinamentos do Cristo, que contribui decisivamente para a construção da fé em Deus, o homem deve refletir sobre as suas “tendências, atos e pensamentos” (XAVIER, 2005, cap. 115), a fim de, nas diferentes situações, identificar os obstáculos que o desviam do caminho do seu melhoramento, da sua aproximação de Deus. Esse trabalho de autoconhecimento deve ser frequente e feito com serenidade, honestidade e coragem. Se a tendência para a promoção de si mesmo é muito forte, deve ter a coragem de admitir ao invés simula-la, transferindo o resultado dessa atitude para outras pessoas ou situações. A coragem é um dos grandes passos que o homem dá em direção à sua libertação

Vamos, homens, coragem! Lançai para longe, de uma vez por todas, preconceitos e ideias preconcebidas. Entrai no novo caminho que se abre diante de vós. Caminhai! caminhai! tendes guias, segui-os: a meta não vos pode faltar, pois essa meta é o próprio Deus. (KARDEC, 2006, Q. 495)

Em si mesmo, o estudo crítico não garante a construção da fé verdadeira em Deus. É necessário incluir as diferentes vivências experimentadas pelo homem. Desta maneira, e como Deus “não coloca fardos pesados em ombros fracos” (KARDEC, 2013, cap. V, item 18), a construção da fé em Deus passa por lições gradativas, partindo das mais simples às mais complexas. Isso, entretanto, não se aplica àqueles que já conquistaram essa fé em experiências passadas. Para estes, serão suficientes se exporem a um rápido estudo e a observação de fatos relacionados, para despertarem a verdadeira fé em Deus.

Para os que decidiram utilizar o Espiritismo como caminho para a sua libertação, a construção da fé em Deus se desenvolve, concomitantemente, com o estudo e prática dos ensinamentos desta doutrina, seguido de frequentes autoavaliações. É um trabalho de reflexão constante, cujo sucesso depende, principalmente, da vontade firme daqueles que verdadeiramente desejam alcançar a felicidade suprema, a perfeição relativa, a comunhão constante com Deus.

Quando o homem compreender que a fraternidade, a bondade, o amor e outros princípios divinos se fortalecem com a fé em Deus, não mais terá receio de enfrentar as tribulações da vida. Falará mais com Deus, pois sente que está sendo ouvido. Desenvolverá, como consequência, uma ligação mais estreita com a divindade e não mais terá dúvidas de que Deus está presente nos seus pensamentos e atos. Assim, a sua atitude não terá outro caminho a não ser voltada para a prática do bem, independentemente das situações e das pessoas que enfrenta.

O homem que construiu a sua fé em Deus mantém a sua simplicidade e humildade nos momentos de prece e de meditação, porque sabe que, assim, estará sempre recebendo a inspiração divina para os seus trabalhos de estudos e de serviços aos seus semelhantes. Em cada momento que a divindade se faz sentir na sua prece, meditação e ações voltadas para o bem, o homem vivencia “as doces emoções que lhe perpassam a alma” (KARDEC, 2013, cap. 27, item 23). É a verdadeira felicidade.

CONCLUSÃO

A construção da fé em Deus é uma atribuição do ser humano, uma vez que ela “está sempre vivaz no coração do homem e, por mais sufocada que tenha sido sob o amontoado de histórias pueris com que a oprimiram, ela se reerguerá mais forte, desde que se sinta libertada [...]” (KARDEC, 2007, cap. 14, item 12).

A fé em Deus tem sido classificada em dois tipos. O primeiro considera o objeto da fé, Deus, separado daquele que tem fé. O segundo, além da existência do objeto de fé, admite que Deus está no homem, como o homem está em Deus. O homem reside em Deus e Deus reside no homem. No primeiro tipo, temos o caso de Abraão que atende solicitações de um ser

separado do mesmo, sendo, entretanto, recompensado pela sua determinação em servir à justiça divina.

No segundo caso, encontramos Agostinho que na sua busca de Deus declara “Tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que estavas dentro de mim, e eu lá fora, a te procurar! Eu, disforme, me atirava à beleza das formas que criaste. Estavas comigo, e eu não estava em ti” (SANTO AGOSTINHO, 2002, cap. XXVII).

Como um estado de ser, onde o homem atingiu a certeza da existência de Deus, do seu infinito amor e sabedoria, a fé parte da compreensão daquilo que se crê. Essa compreensão deve-se ao uso correto da inteligência, atributo que o homem recebeu de Deus, onde examina as manifestações sobre o assunto e a existência de fatos relacionados ao objeto em apreciação.

No processo de construção da fé em Deus, o homem que estuda a filosofia espírita, examina com cuidado a lógica das explicações dessa filosofia, compara com o que observa na natureza e estabelece situações que pode vivenciar para melhor compreender o ser maior. Sabe, por outro lado, que a construção da fé em Deus é avaliada nos momentos que encara as provas que a vida lhe impõe. Quando pensa que não tem mais dúvida de que Deus é justo e misericordioso, por exemplo, a sua prova pode ser a desencarnação de um ser amado, ainda em tenra idade. Nessa situação, ele mantém a convicção de que Deus é realmente justo e misericordioso ou entende que esses atributos precisam ser mais bem trabalhados? Ao longo do tempo que for necessário, o homem será testado, sendo bem sucedido em algumas situações e fracassando em outras. Através de esforço constante, trabalhará para identificar e vencer os seus próprios obstáculos até alcançar o estado de fé incondicional em Deus. Daí em diante, sentirá a presença de Deus nos momentos de meditação sobre questões que lhe são apresentadas, recebendo respostas, em forma de símbolos, sobre aspecto ou aspectos importantes do que precisa saber. É a fé divina surgindo da luz maior, Deus, realizando a ligação entre o homem e a divindade; a presença de focos de luz, representando a essência espiritual dos filhos de Deus, nos seus diferentes níveis de desenvolvimento e a cruz iluminada do Cristo, representando o exemplo de humildade e de amor por todos os seres vivos¹.

¹Uma sugestão de exercício de meditação para auxiliar no desenvolvimento da verdadeira fé é encontrada no livro de Angel Aguero, *Grandes e Pequenos Problemas*, capítulo X, item II. Prática de exercícios de meditação baseado em Aguero e com a finalidade de auxiliar na compreensão de temas colocados em discussão, tem sido realizado no grupo de estudo de *O Livro dos Espíritos*, desenvolvido aos sábados, a partir das 14h00, na Fundação Allan Kardec.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. da 1. ed. Alfredo Bosi. Revisão de tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

AGUAROD, Angel. *Grandes e pequenos problemas*. Trad. Guillon Ribeiro. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2010.

BÍBLIA – Tradução Ecumênica. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. ed. especial. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2006.

_____. *A Gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2007.

_____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. (Edição Histórica). Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2013.

MONLOUBOU, L. e F. M. Du Buit. *Dicionário bíblico universal*. Trad. Gentil Tilton et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Pietro Nasseti. S. Paulo, SP: Martin Claret, 2002a.

_____. *De magistro*. Trad. Pietro Nasseti. S. Paulo, SP: Martin Claret, 2002b.

TILLICH, Paul. *Dynamics of faith*. New York: Harperone ed. 2009.

XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1ª edição especial. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2005.